

vvogas@redgazeta.com.br Tel: 3321-8319

PRAÇA OITO

Vitor Vogas



De um deputado governista sobre a aprovação do projeto que muda critérios de promoção na PM: “Para conseguir os primeiros dez votos foi difícil. Para chegar a 15 também. Após o 16º, ficou fácil”.

Hartung reforça o bunker

Concluída a reforma do secretariado estadual, o primeiro e o segundo escalões do governo Paulo Hartung adquirem uma feição muito mais político-partidária do que na primeira metade do mandato. No saldo da dança das cadeiras, a estrutura administrativa absorve uma leva de políticos experientes que implode de vez o discurso da aposta no “sangue novo”, da formação de novos líderes e da primazia da técnica sobre a política como critério de escolha. Os nomeados representam os mais diversos partidos da coalizão governista, inclusive algumas siglas nanicas.

Muitos desses políticos foram derrotados nas urnas em 2016 nos respectivos municípios. É o caso de Neucimar Fraga (PSD) e de Rodney Miranda (DEM) em Vila Velha e de Claudia Lemos (PRP), candidata a vice na chapa de Jathir Moreira (SDD) em Cachoeiro. Outros encerraram o segundo mandato como prefeitos, sob forte desgaste e baixa aprovação popular, caso de Carlos Casteghione (PT) em Cachoeiro e de Leonardo Deptulski (ex-PT, rumo ao PEN) em Colatina.

Em uma aplicação meio torta do conceito de meritocracia defendido por PH, todos foram botados para dentro do governo, formando uma espécie de bloco dos derrotados e dos mal avaliados. Outro ponto em comum: a grande maioria nutre planos eleitorais para 2018. Nessa perspectiva, ficar protegido no abrigo do governo é muito melhor para eles do que passar dois anos sem cargo, no frio da planície política. Como resumiu Neucimar ontem, “é melhor segurar uma vela do que dormir no escuro”. Para quem chega ao governo, então, é evidente que a nomeação convém. A questão que resta é: por que o governador fez isso, contrariando o próprio discurso e radicalizando

nas nomeações por critério político?

A resposta pode ser resumida em duas palavras: reação e precaução. Hartung está blindando a si mesmo. Desde 2003, governa a partir da unidade e da unanimidade política, conseguindo congregando em torno dele praticamente todas as forças partidárias relevantes do Estado e governando praticamente sem oposição e sem ver seu poderio ameaçado. Pela primeira vez em muito tempo, esse cenário começa a se alterar, a partir de um movimento político que se iniciou nas eleições de 2016, mas que não morreu ali, reunindo o PSB (Casagrande), o PPS (Luciano Rezende), a Rede (Audifax) e parte do PSDB (o grupo político de Luiz Paulo).

As vitórias de Luciano e Audifax acenderam um primeiro sinal de alerta no Palácio. Durante a campanha, cogitou-se que essa aliança poderia ser meramente circunstancial, restrita ao processo eleitoral. Mas agora há sinais de que ela pode ir além de 2016 e se consolidar como movimento de oposição a Hartung, com prováveis desdobramentos em 2018.

Em paralelo, acaba de nascer na Assembleia um bloco de descontentes com o Palácio organizados na autointitulada Frente Independente, que pode evoluir para uma frente de oposição ao governo. Além de Sergio Majeski (PSDB anti-Hartung) e dos deputados do PSB, a frente inclui Marcos Bruno (Rede) e Theodorico Ferraço (DEM), dessa vez com os dois pés na oposição. Do clã Ferraço, aliás, vem outra preocupação, já que Ricardo tem ganhado luz própria, é a grande aposta do PSDB para 2018, aproxima-se de Magno Malta (PR) e mantém bom trânsito com o grupo de Luciano.

Ao mesmo tempo, o PDT, assim como o PSDB, vem evidenciando dissidências

CENA POLÍTICA

Poucas áreas do governo podem ser consideradas tão técnicas quanto o Instituto de Pesos e Medidas (Ipem-ES), que passará a ser comandado por Claudia Lemos, do nanico

(Euclério e Da Vitória), ainda que o partido faça parte da base hartunguista. Já o PT, igualmente na base de Hartung, está em plena ebulição. Se Givaldo Vieira derrotar João Coser na eleição interna em maio, o partido pode dar um cavalo de pau na direção de Casagrande.

Para se prevenir e neutralizar os efeitos dessa nova onda, PH reage reforçando o seu bunker e atrai para dentro do governo – logo, para o seu lado em 2018 – um conjunto heterogêneo de líderes políticos regionais, marcando posição de Cachoeiro a Colatina. De quebra, sedimenta o arco de partidos governistas, prestigiando nomes filiados a siglas dos mais diversos matizes (DEM, PT, PDT, PSD, PRP, PTB e PMDB). “É uma tentativa de se antecipar e exercer o controle total dos partidos, bem ao estilo dele”, condensa o professor Roberto Garcia Simões.



Sob pressão

Assim opina o professor Roberto Garcia Simões: “Pela primeira vez o governador está pressionado e sem o controle de partidos importantes. A unanimidade está sendo quebrada. Por isso, ele reagiu ao movimento dessa frente, que pode virar um movimento de oposição, e desfigurou a ideia de que tem uma equipe técnica”.

Ação e reação

Em Vitória, o grupo de PH perdeu para Luciano Rezende. Em resposta, o governador leva para a equipe adversários de Luciano, como Max da Mata (que ajuda a segurar o PDT) e Serjão Magalhães (que leva com ele o PTB). Também traz de volta Zezito Maio (PMDB), que, de soldado de Hartung, passou a apoiador de Luciano no 2º turno da eleição na Capital. No mais, Da Mata foi indicação de Amaro Neto, que teria sido inicialmente sondado para a Secretaria de Esportes.

Ação e reação 2

Na Serra, o grupo de PH perdeu para Audifax. Em resposta, o governador pode convidar Vandinho Leite (PSDB), hoje assessor de Ricardo Ferraço (PSDB). Com isso, Hartung ainda reforçaria a tropa tucana fiel a ele no governo.

Ação e reação 3

Em Cachoeiro, quem se elegeu foi Victor Coelho (PSB), aliado de Renato Casagrande. De quebra, Theodorico Ferraço (DEM) passou de vez à oposição. Em resposta, Hartung atraiu Carlos Casteghione (PT) e Claudia Lemos (PRB).

Ação e reação 4

Vila Velha elegeu Max Filho (PSDB), que se apresentou na campanha como aliado de Hartung. Mas quem põe a mão no fogo pela aliança desses dois? Talvez nem o próprio PH. Não por acaso, ele nomeou, na mesma tacada, Rodney (que ainda pode conter o DEM do explosivo Theodorico), Neucimar (PSD), Giuliano Nader (PMDB) e Joel Rangel (PMDB).

PRP, partido sem grande peso nem grande estatura política. Qual é a régua que determinou as nomeações, afinal? Um gaiato responde sem hesitar: “É o sistema métrico eleitoral”.